

## **Para não se acostumar à prisão: a leitura dos diários do hospício de Maura Lopes Cançado, Lima Barreto e Torquato Neto como uma experiência limite.**

Doutoranda Mariana Patrício Fernandes<sup>1</sup> (PUC-RJ)

...

### **Resumo:**

*O presente trabalho procura investigar de que maneira é possível, através da leitura dos diários do hospício de Lima Barreto, Torquato Neto e Maura Lopes Cançado, vislumbrar novas saídas (ainda que pequenas) para a experiência. O impulso para o estabelecimento de conexões entre os textos e a contemporaneidade, surgiu do reconhecimento de que os nossos dias, sob a lente de grande parte das interpretações filosóficas e sociológicas, estão impregnados de uma sensação de claustrofobia gerada pela esterilidade do novo e pela reprodução do mesmo. Na tentativa de encontrar uma passagem para fora desta redoma, onde falta ar, a experiência de leitura dos diários, onde este sentimento de clausura é elevado ao paroxismo, entrevê uma possibilidade de escape, ainda que minúscula.*

**Palavras-chave:** escritas íntimas, testemunho, loucura, contemporaneidade.

### **Introdução**

“Agora não se fala nada  
e tudo é transparente em cada forma  
qualquer palavra é um gesto  
e em sua orla  
os pássaros de sempre cantam  
nos hospícios” (Torquato Neto, 2004,p.169)

Ainda é possível errar o caminho? Quando todas as estradas já parecem esquadrinhadas e cartografadas, quando posso encontrar a fotografia da minha casa disponível na internet, quando os taxis têm aparelhos que indicam o modo mais rápido de chegar ao endereço desejado e as zonas de perigo estão devidamente delimitadas, ainda é possível se perder por aí? Esta percepção de que o mundo anda ficando pequeno demais provoca certa sensação de clausura. Haverá ainda algum lugar desconhecido para onde se possa fugir?

As análises teóricas contemporâneas não são muito animadoras nesse sentido ao insistirem em enunciar a impossibilidade de criação de novas formas de resistência para o movimento de captura do desejo e da subjetividade por parte do sistema capitalista - sistema esse que seria capaz de transformar os afetos mais sutis em mercadoria.

Em *A transparência do Mal: Ensaio sobre Fenômenos Extremos*, Jean Baudrillard afirma que a sociedade ocidental está enfrentando atualmente um período caracterizado pela marca da “pós-orgia”: passado o momento explosivo da modernidade, que produziu uma série de liberações no plano individual e coletivo, vivemos atualmente como se já não houvesse nada de novo no plano da experiência. Estaríamos, segundo o filósofo, confinados em uma existência de claustrofóbica reprodução do Mesmo, em uma “reprodução indefinida de ideais, de fantasmas, de imagens, de sonhos que doravante ficaram para trás e que, no entanto, devemos reproduzir com uma indiferença fatal (...)” (BAUDRILLARD, 2008, p.10). Os antigos valores da modernidade teriam sido lançados

no vazio, permanecem enquanto discurso mas perderam completamente sua essência, sua razão de existir. O ideário moderno somente persiste na retórica:

Assim, a idéia de progresso desapareceu, mas o progresso continua. A idéia de riqueza que sustenta a produção desapareceu, mas a produção continua firme (...) Haveria em todo o sistema, em todo o indivíduo, a pulsão secreta de livrar-se da sua própria idéia, de sua própria essência, para conseguir proliferar em todos os sentidos, em todas as direções. Mas as conseqüências só podem ser fatais. Qualquer coisa que perca a própria idéia é como homem que perdeu a sombra – cai num delírio em que se perde (BAUDRILLARD, 2008, p.12).

Eis então que quando já parecíamos desistir de procurar novos modos fuga, enjaulados como um macaco de Kafka, na tentativa inglória de nos tornarmos demasiadamente humanos, o prenúncio fatalista de Baudrillard nos vem injetar novo ânimo. Há ainda um modo de se perder no caminho, ainda que este, segundo o filósofo, seja um percurso sem volta, no qual se enfrenta o risco de se perder a idéia caindo de vez no delírio e na ausência completa de sentido.

Este trabalho, impulsionado pela necessidade de tentar irromper alguma passagem para um lugar desconhecido, pretende entender de que modo a perda da sombra, enunciada por Baudrillard pode ser ao mesmo tempo sopro de vida e a queda em um abismo sem volta. Para tanto, vai dialogar com três experiências de escrita que vivenciaram de perto essa tensão: os diários do hospício de Lima Barreto, escrito durante a sua internação no Hospício Pedro II, então localizado na praia vermelha, em 1920, Hospício é Deus, diário de Maura Lopes Cançado, escrito em 1959, na mesma instituição, agora localizada no Engenho de Dentro, e D'Engenho de Dentro, de Torquato Neto, escrito durante a sua internação em 1971. Esses três textos, escritos em momentos históricos diversos, sob perspectivas distintas, dão visibilidade, de modo singular, ao perigo do caminho espinhoso que se abre no solo, quando determinadas certezas que o sustentam se esvaem, impossibilitando o reconhecimento tanto de si quanto do outro. O caminhar na corda bamba entre a negação da sombra e a queda no abismo. Para tanto, foi necessário deslocar o procedimento de leitura desses textos: não mais procurar interpretá-los, como representantes de uma certa literatura de testemunho, mas tentar abrir um diálogo com os próprios meios de fuga apresentados nos diários à realidade de clausura à que seus autores estão inseridos. Este deslocamento incidiu sobre a própria forma da escrita que, já não sendo capaz de manter uma visão aérea do panorama estudado, procurou então uma forma híbrida entre a argumentação e o relato da experiência.

## **1 Limiar: imagens de uma experiência.**

O Engenho de Dentro é muito quente no verão. À medida que o trem parte de São Cristóvão e se envereda pra dentro dos trilhos, o metal enferrujado das engrenagens se funde com a coloração da massa de concreto bege descascada que o rodeia. Tudo é antigo, tudo é ruína, desde sua fundação, neste cenário suburbano carioca. Mas a antiga atmosfera pacata e entediante desenhada na escrita de Lima Barreto, parece subitamente tornar-se ameaçadora, como se alguma potência desconhecida e destruidora estivesse prestes a eclodir, explodindo, de vez estas construções decadentes. O passageiro permanece encolhido em seu assento, durante a viagem, até o definitivo ponto de parada deste percurso: O hospício.

Existem diversas maneiras de se ingressar neste imenso pavilhão. A mais radical delas se dá quando se tira a roupa na entrada entregando-a a desconhecidos. É essa primeira nudez que marca definitivamente o pertencimento à certos lugares dentro deste prédio que ao visitante comum não é permitido conhecer. É então, que as portas da rua se fecham e o lado de fora deixa de existir. O

visitante sente um alívio repentino por estar bem protegido pelo seu uniforme de pesquisador. Apresenta a identidade na porta e é recebido pelo diretor da instituição. Nunca vai conhecer de fato estas instalações que não se abrem a entrada dos visitantes, não lhe valendo de nada ter se empapado de suor na viagem de trem

### **1.1 O leitor psiquiatra: o naufrágio de uma missão humanitária**

Começo com uma passagem do diário de Maura Lopes Cançado na qual a escritora relembra a sua primeira internação voluntária no Engenho de Dentro, e sua conversa com o médico, que resistia em interná-la, alertando-a de que aquele não era um lugar para moças de boa família:

Não tem importância, doutor. Também sou indigente. Não tenho, emprego, estou cansada, nem sequer posso continuar morando onde estou”. Aconselhou-me a pensar e resolver de outra forma a situação. Não consegui resolver, uma semana depois procurei de novo o hospital. Insisti, terminou por aceitar-me. Perguntou-me se estava disposta a vestir o uniforme de indigente. Fui internada no IP. Minha primeira impressão foi de pânico. Abriram-me uma porta, vi-me diretamente no refeitório. As mesas cinzentas de pedra, alguma doentes descabeladas fizeram-me recuar. Uma enfermeira segurou-me pelo braço: “Não pode mais sair”. Trocaram meu uniforme, puseram-me no pátio. (CANÇADO, 1992, p.180).

É sempre possível ler um diário do hospício como um testemunho da prisão pressupondo uma referencialidade transparente e livre de questionamentos entre assinatura do livro e o narrador em primeira pessoa (Sussekund, 2003, p.63). “Os que não sabem” o que se passa dentro dos muros do manicômio tomam conhecimento desta realidade que ganha visibilidade com sua publicação. Acreditamos então, com a leitura, sermos capazes de resgatar das trevas aquela voz por detrás do texto, trazendo-a de volta ao universo protegido da lei e dos direitos do qual o autor do livro foi privado. Tratar-se-ia de um empreendimento humanitário, ou, se formos mais modestos, do oferecimento de um ouvido terapêutico que se compadece das dores da voz que se expressa no texto. Essa relação entre refém e agente de resgate parece se estabelecer também na própria escrita que luta por conseguir agarrar-se a qualquer pedaço de madeira no oceano, para não naufragar no mutismo eterno dos seus companheiros de hospício. Escrever um diário, aqui, seria uma garantia de salvaguardar uma identidade perdida desde o momento em que se despiu a roupa de cidadão e vestiu-se o uniforme desbotado dos doentes do hospício - uma maneira de proteger-se da ameaça de estilhaçamento provocado pelo internamento e pela loucura, de sustentar um mínimo de dignidade. Essa intenção é percebida em diversas passagens dos diário aqui abordados, como nessa passagem de Lima Barreto:

Digo com franqueza, cem anos que viva eu, nunca poderá apagar-me da memória essas humilhações que sofri. Não por eles mesmos que pouco valem; mas pela convicção que me trouxeram de que esta vida não vale nada, todas as posições falham e todas as preocupações para um grande futuro são vãs. Eu tinha tudo, ou tenho tudo para não sofrer estas humilhações, tanto mais que não as provoquei. Sou instruído, sou educado, sou honesto, tenho procurado o mais possível ter uma vida pura (...) mas eu e a sorte, a sorte e eu, nos juntamos de tal sorte, nos irmanamos, que vim passar por um transe desses” (BARRETO, 1993,p.50).

Seria impossível, no entanto, a salvação da identidade sem outro que a legitimasse, e para isso se oferece o leitor, que de sua maneira também ameniza a sua má consciência com a sensação de ter feito uma boa ação. Entretanto, esta doce ilusão, se desfaz, quando nos damos conta de que somos incapazes de agir como membros de uma missão humanitária através da leitura. Torquato Neto suicidou-se, Maura Lopes Cançado morreu sozinha depois de uma longa jornada em um manicômio

judicial pelo assassinato de uma enfermeira na clínica Dr. Eiras e Lima Barreto tampouco corrigiu as suas sombrias irmanações com a sorte. O testemunho não é capaz de salvar ninguém, como constata o pungente prefácio do poeta Reynaldo Jardim, amigo íntimo de Maura Lopes Cançado, em seu diário

No fundo, em verdade, vos digo, o que se houve é um pungente pedido de socorro de quem não estando em perigo não pode ser atendido. O melhor para continuar dormindo tranquilamente é não virar a página. Mais que um prefácio, isto é uma advertência: este é um livro perigoso, feito para comprometer irremediavelmente a sua consciência (Apud CANÇADO, 1992, p.9).

## **2 REFÚGIO**

Existe, entretanto, um desejo maior que nos leva a não seguir este conselho e ingressar nas páginas da prisão. Alguma coisa que emerge do tédio infinito deste cotidiano amorfo que atrai, mais do que afasta, o leitor. Seria a sensação de refúgio que provoca o imaginário do hospício e pela qual também ansiamos? A retirada da pressão insuportável de ter que adquirir uma performance satisfatória, uma reputação a manter, uma imagem a preservar, quando essa mesma imagem é ameaçada constantemente de aniquilamento, incapaz de manter-se de pé? A internação em um hospício surge então como uma possibilidade de retirada da velocidade do tempo do mundo quando não estamos mais expostos à tudo aquilo que pretende dissolver a nossa forma, em um mundo em que a deformação é vista como o pior dos defeitos, e onde a palavra de ordem é cuidar da imagem, como escreve Evelyne Grossman:

*indispensable à qui veut affronter l'apreté de la compétition dans des sociétés vouées au culte de la performance individuelle (...) Parce qu'elle se participe de la construction du lien social, du vivre ensemble (se reconnaître dans les mêmes formes, les mêmes signes d'appartenance), l'image est gregaire par vocation. Elle privilegie les effets de groupe, de ressemblance (être comme l'autre), de conformisme. La figure de l'appartenance de nos jours vire aisément à la normopathie, psychique, sociale, intellectuelle<sup>1</sup> (GROSSMAN, 2004, p.9).*

Quem não consegue manter o espelho sempre polido e não se reconhece mais em seu reflexo, quem desconfia da própria visão, não suporta ter que responder cotidianamente por esta figura imutável: “O que não sou me mata” escreve Torquato Neto. No hospício, existe uma liberdade em permanecer anônimo, de se libertar da visão escrutinadora do julgamento alheio, como expressa essa passagem do poeta: “você olha nos meus olhos e não vê nada: pois é assim mesmo que eu quero ser olhado. É assim mesmo que eu quero que você não entenda”. No hospício um nome não significa nada:

O anonimato me assegura uma segurança incrível. Já não preciso mais (pelo menos enquanto estiver aqui) liquidar meu nome e formar nova reputação como vinha fazendo sistematicamente como parte do processo autodestrutivo em que embarquei – e do qual, certamente, jamais me safarei por completo. (NETO, 2003, P.324)

---

<sup>1</sup> Indispensável para quem quer enfrentar a competição nas sociedades voltadas para o culto da performance individual (...) por ser importante na construção do lugar social, do viver junto (se reconhecer nas mesmas formas, nos mesmos signos de pertencimento), a imagem é gregária por vocação. Ela privilegia os efeitos de reconhecimento (ser como o outro), de conformismo. A figura de pertencimento de nossos dias se transforma facilmente em normopatia psíquica, social e intelectual.

No diário de Maura também presenciamos essa atração pela antiga idéia de uma casa de repouso:

(...)necessitava desesperadamente de amor e proteção. Estava magra, nervosa e não dormia. O sanatório parecia-me romântico e belo. Havia certo mistério que me atraía (...)Durante minha permanência nesse sanatório costumava sair à rua com enfermeiras, via pessoas andando normalmente e pensava: como podem viver livres e desprotegidas?(...) Como viver num mundo sem sofrer se tudo é tão perigoso e inusitado? (CANÇADO, 1992, p.64)

No entanto, encontramos aqui uma armadilha. O aparente refúgio vai tomando cada vez mais o aspecto de prisão, a consciência de que já não se pode voluntariamente sair dele, e uma ameaça ainda mais perigosa, a de incorrer na incomunicabilidade delirante ou no mutismo absoluto dos loucos. O anonimato reconfortante, a proteção das grades, ganham cada vez mais um aspecto tenebroso e a confirmação de que a internação é um caminho sem volta. Espiral ascendente, para utilizar a expressão de Maura Lopes Cançado, na qual a eminência da morte é assustadora, negando a idéia de que era possível interromper um movimento de autodestruição ou de se proteger do julgamento estilhaçador do “mundo dos normais”, como escreve a autora. A entrada no hospício, a nudez imposta nesta passagem para o mundo isento das ameaças do fora, retira também qualquer possibilidade de afirmação ou de legitimidade das vozes que de dentro dele emergem. “A barra é pesada, como eu gosto”, escreve Torquato: impossível estar no hospício sem carregar a marca da indigência. Mas como proteger-se agora da paralisia daqueles que não tem nome, nem lugar?

## **2.1 O mutismo como paradoxo**

Existe um recanto do hospício, conta Maura, onde não é permitida a entrada ao visitante - é o pátio onde “algumas mulheres se conservam imóveis, absurdas, fantásticas, sentadas no banco ou no chão de cimento. Mudas, incomunicáveis, olhando nada aparentemente, talvez percebendo em excesso.” (CANÇADO, 1992, p.146). Esta incomunicabilidade dos loucos também assombrava Lima Barreto, que questiona sempre nas páginas do diário a possibilidade de alguma classificação científica do delírio:

Que dizer da loucura? Há os que deliram, há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso. Há uma grande parte que se dedica a um mutismo eterno (BARRETO, 1993, p.47).

Estes seres de que falam os autores já não têm nome nem história. A internação no hospital psiquiátrico engendra um processo de despersonalização no qual já não interessa o passado de quem ali ingressou e onde o futuro não existe. Agora, definitivamente, não é mais possível sair, visto que o próprio corpo já não se move. Ponto final do processo de retirada de qualquer potencial de resistência do louco, estruturante do poder disciplinador do manicômio, como nos mostrou Foucault em seus estudos sobre a loucura: As estratégias de “cura” empregadas pelo poder normatizador do hospício agem para que o louco não se sinta mais no poder de afirmar o que quer que seja<sup>2</sup>. A clausura do hospício interioriza-se transformando o louco naquele que, por não ter lugar, se perde no abismo, como escreve Peter Pal Pelbart:

O Louco não é sujeito de uma subjetividade, sujeito a um poder ou portador de um saber. O louco é antes de tudo aquele que não sabe (não vê o que é,

<sup>2</sup>

Sobre esse tema ver os escritos do filósofo, sobretudo em: *Microfísica do Poder* Rio de Janeiro: Graal, 2006 e *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo :Editora Perspectiva.1972

não fala o que é, não sabe o que fala, não sabe o que vê, não sabe o que não sabe, acredita no que percebe, embora não perceba o que vê, e percebe mais do que vê), que ‘não pode’ gerir bens, ser eleito, situar-se numa relação de forças, ter autonomia, sujeitar-se a um trabalho, obedecer, respeitar, ser adequado), que não é sujeito (desestruturado, sem centro, Nome-do-Pai forcluído), não se relaciona consigo mesmo nem com os demais

O antigo refúgio ganha agora a visão de um jazigo “Aqui no hospício, com suas divisões de classes, de vestuário, etc. eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa”, escreve Lima Barreto, “Os dormitórios vazios e impessoais são cemitérios, onde se guardam passado e futuro de tantas vidas. Cemitérios sem flor e sem piedade: cada leito mudo é um túmulo e eu existo entre o céu e esta dormência calada” escreve Maura Lopes Cançado.

Esse mutismo produz também um forte potencial de atração que desfaz a imagem pacífica e harmoniosa da casa de repouso, nos recônditos do hospício também, encontra-se uma espécie de magnetismo que puxa o escritor para um território desconhecido, no qual a ausência de sentido é capaz também de produzir o seu desaparecimento total. Como escrevia Torquato Neto: “Ainda hoje, no entanto, sentado aqui escrevendo, paro e vejo bem lá dentro, a luz que me guia para dentro da destruição” (NETO, 2004, p.308). Vemos o mesmo em Lima Barreto: “às vezes queria matar em mim todo o desejo, aniquilar aos poucos a minha vida e sumir-me no todo universal” (BARRETO, 1993, p.68). Mas o aniquilamento completo do desejo também gera sofrimento, como escreve Maura Lopes Cançado:

A ausência de dor me faz sofrer até o martírio. Porque hei de imolar-me sempre? Do outro lado as pessoas devem sofrer felizes, restando um coração aliviado e gasto. Se eu transpusesse os limites desse denso existir, meu coração se abriria surpreso, um ponto no mais profundo do meu ser se constrangeria de dor aguda e clara. – Como vêem o mundo as pessoas do outro lado? Não esse existir sem momentos: luz fria avançando lenta enquanto o corpo é um carro blindado (...) O desfalecimento das cores é uma evidência, constato mergulhada na neutralidade do cinza que me despersonaliza. Nem ao menos me acho ‘agitada’, como já estive algumas vezes. Porque então minha angústia desperta impulsiona-me a falar, agredindo – meu corpo de encontro às coisas se deixava ferir com alívio, o sangue escorrendo, quente, doce e amável das minhas mãos, ao quebrar com elas os vidros de uma janela (...) Foram períodos faiscantes, luminosos, sobretudo a dor estava presente. Eu sofria acima das minhas forças, gastando-me com energia. – Agora cai na ausência – nenhum sentimento me atinge direto (CANÇADO, 1992, p.73).

Como escapar então da desintegração imposta pelo mundo do fora, se na proteção da clausura não há outra saída senão o silêncio, a transformação do corpo em um carro blindado? É preciso não se acostumar à essa situação, lembra Torquato Neto:

A prisão, o hospício, a burocracia repressiva dos esquemas, o apartamento apertado no meio de apartamentos – enfim, esses lugares forçados podem e devem como exercício de vida ser curtidos segundo os papos da política, da psicologia, etc. mas em nenhuma hipótese podem servir como refúgio contra. Refúgio contrário. Apocalíptico do tipo suicida (a mais doce tentação, a mais malandra, saco, soluço, banheiro). o hospício é o lugar mais fundo que eu conheço – mas isso não é desculpa para que EU o transforme em refúgio. o fundo de poço e o lado de fora. a prisão não é jamais o ideal do meu lar e nem o meu lar deve servir como meu refúgio, meu lar e o lado de fora lá fora. meu lar (e a prisão, e o hospício e o mais) e o lado de lá de fora? Necas de pitibiriba. não quero, não quis nem vou querer

nada disso como meu refúgio. Como Deus é precipício, durma, e nem com Deus no hospício (durma) nem o hospício é refúgio. Fuja (NETO, 2004, p.304).

É a partir desta necessidade de evasão, do “desespero de fuga” como escrevia Maura Lopes Cançado (CANÇADO, 1968, p.37), que os diários em questão apresentam uma possibilidade de saída, onde esta já parecia impossível.

## **Conclusão**

Voltaríamos então à dicotomia colocada por Baudrillard? Entre a afirmação de uma identidade soberana e o silêncio absoluto semelhante à morte não haverá forma de escape? As biografias dos autores citados não parece resolver essa questão. Entretanto, um novo olhar nos permite ver que esta dicotomia se transforma em paradoxo pela própria forma do diário. É na experimentação através da escrita que vemos aparecer uma pequena fissura que se abre a um lado de fora que não é mais aquele regulamentado pelas forças normatizadoras do mundo dos normais. Um movimento de ternura. Fissura que pode ser pensada como o hiato que se cria entre o autor e o texto, o texto e o leitor levando com que seja impossível o reconhecimento dos limites de cada um. Esta desfiguração, no entanto, é um movimento erótico e não aniquilador, como o que engendra o hospital psiquiátrico, é uma exigência do próprio exercício da linguagem. Giorgio Agamben ao indagar-se sobre a relação da literatura com o sujeito de carne e osso pergunta: “De que modo uma paixão, um pensamento podem estar contidos em um folha de papel? Por definição um pensamento, um sentimento exige um sujeito que os pense e experimente” (AGAMBEN, 2007, p.84).

Para que estes elementos se façam presentes no texto, diz Agamben, é necessário que exista um leitor que tome em suas mãos o livro e se arrisque na leitura. Nesse movimento de risco, no entanto, assim como aconteceu com o autor, o leitor também põe a sua própria existência em jogo, como afirma o filósofo: “O lugar do poema (...) não está nem no texto, nem no autor, e nem no leitor, mas no gesto no qual autor e leitor se põem em jogo no texto e infinitamente se retraem” (AGAMBEN, op.cit., p.93).

Este sair de si de que se fala aqui, não é um projeto mortificador e uniformizador, mas sim, algo que é da ordem do arriscar-se no desejo e não fora dele. Abre-se o portão do “hospício-deus” – não para mortificar-se enclausurando-se em um outro hospício onde a ausência de identidade se confunde com a ausência de vida. Será então possível pensar em vida fora dos limites do indivíduo, sem no entanto mortificá-lo? Como assumir a errância e admitir que ainda existem terras desconhecidas a serem reveladas? É esta tensão que nos coloca os diários em questão ao nos convidar para por o corpo em um situação instável (muitas vezes semelhante ao desconforto) e reabrir certas portas que ficaram fechadas. Mas para isso é necessário também sair do lugar confortável do bom samaritano e reconhecer a sua própria limitação, sem a postura nostálgica e distanciada dos que anunciam o fim da história. Enfrentar a perda da sombra temida por Baudrillard como um estímulo para a criação de novas formas de pensamento e de vida que não estejam vinculadas unicamente à preservação da imagem fixa no espelho.

Por fim, é preciso criar na leitura dos diários uma experiência limite que nos empurre para fora da clausura do reconhecimento. Experiência limite no sentido que lhe conferia Georges Bataille ao falar sobre a *experiência interior*:

*Je n'aime pas non plus les définitions étroites. L'expérience intérieure répond à la nécessité où je suis – l'existence humaine avec moi – de mettre tout en cause (en question) sans repos admissible (...) Les présuppositions dogmatiques ont donnés*

*des limites induit à l'expérience: celui qui sait déjà ne peut aller au delà d'un horizon connu*<sup>3</sup> (BATAILLE, 1954, p.13).

## **Referências Bibliográficas**

- [1] AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- [2] LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Diário do Hospício – O cemitério dos Vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.
- [3] BATAILLE, Georges. *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard, 1954.
- [4] BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 2008).
- [5] CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: Diário I*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1992.  
\_\_\_\_\_. *O Sofredor do Ver*. Rio de Janeiro: José Alvaro, 1968.
- [6] FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.  
\_\_\_\_\_. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora
- [7] GROSSMAN, Evelyne. *La Défiguration: Artaud, Michaux, Beckett*. Paris, Les Editions de Minuit, 2003.
- [8] PELBART, Peter Pál. *Da Clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- [9] PIRES, Paulo Roberto (org.), NETO, Torquato. *Torquatália: obra reunida de Torquato Neto (do lado de dentro)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- [10] SUSSEKIND, Flora. *Literatura e Vida literária: Polêmicas, Diários e Retratos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

---

### <sup>1</sup> **Autor(es)**

**Mariana Patrício Fernandes, Doutoranda em Literatura Brasileira.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)  
mari\_anapatricio@hotmail.com

---

<sup>3</sup> Eu já não gosto mais das definições estreitas. A experiência interior responde à necessidade que tenho, aqui onde estou - a existência humana comigo - de colocar tudo em causa (em questão) sem resposta admissível (...) as pressuposições dogmáticas colocaram limites indevidos à experiência: aquele que já sabe de antemão não pode ir além de um horizonte conhecido.